

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Sylvain Cambreling** direcção musical

**Paulo Álvares** piano

**José Bernardo Silva** trompa

**Bruno Costa** xilofone

**Nuno Simões** glockenspiel

**17 Out 2020 · 18:00 Sala Suggia**

**ANO FRANÇA**

CONCERTO ASSOCIADO À APO  
(ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OSTEOPOROSE)



casa da música

MEGENAS VISITAS GUIADAS

PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
\*\*\*\*\*



Maestro Sylvain Cambreling sobre o programa do concerto.  
VIMEO.COM/468503999

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Olivier Messiaen**

*Des Canyons aux Étoiles...*, para piano solo, trompa, xilofone,  
glockenspiel e orquestra (1974; c.90min)

### Primeira Parte

1. *Le désert*
2. *Les Orioles*
3. *Ce qui est écrit sur les étoiles*
4. *Le Cossyphe d'Heuglin*
5. *Cedar Breaks et le Don de Crainte*

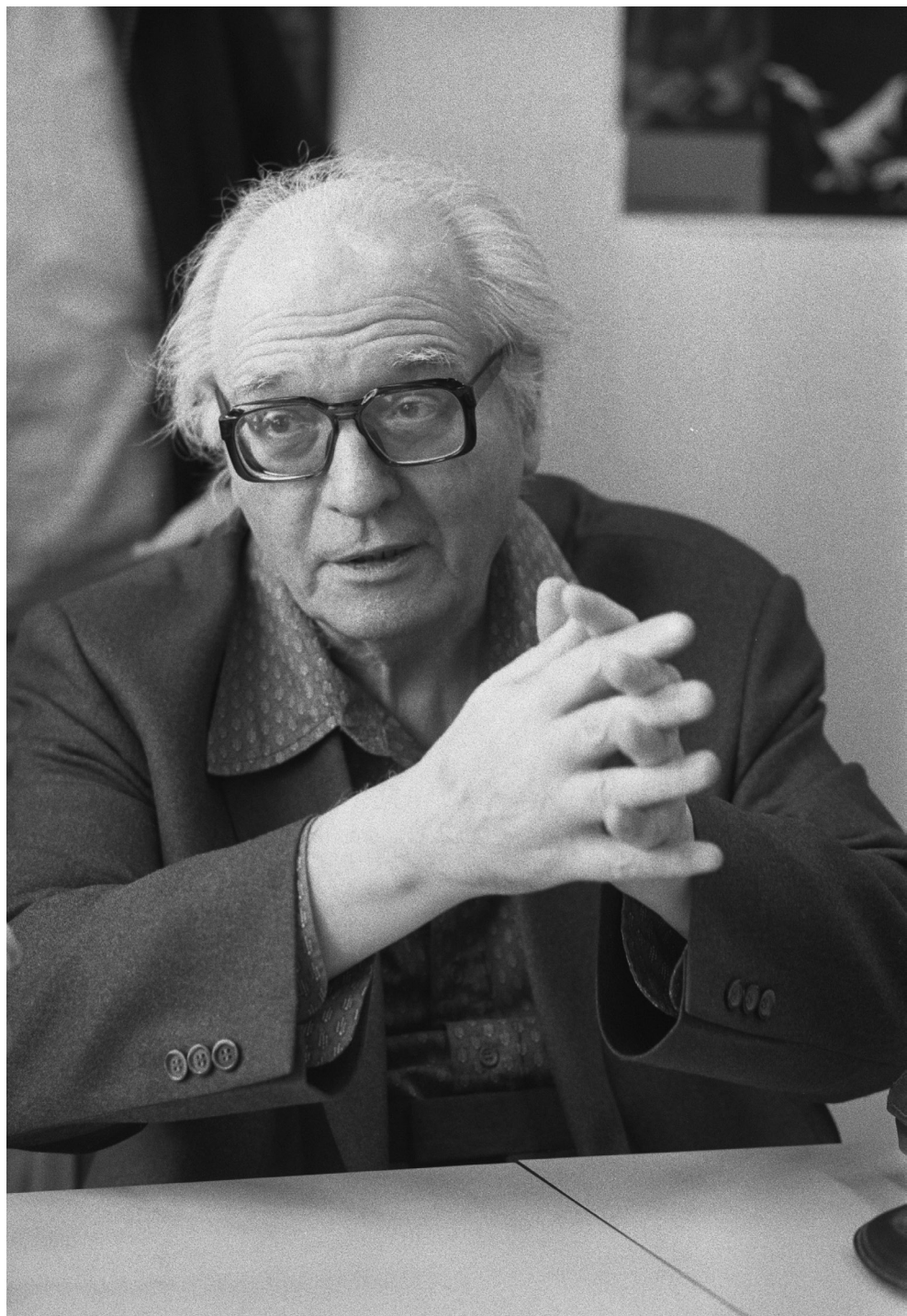
### Segunda Parte

6. *Appel interstellaire*
7. *Bryce Canyon et les rochers rouge-orange*

### Terceira Parte

8. *Les ressuscités et le chant de l'étoile Aldébaran*
9. *Le Moqueur polyglotte*
10. *La Grive des bois*
11. *Omao, Leiothrix, Elepaio, Shama*
12. *Zion Park et la Cité céleste*

Concerto sem intervalo.



# Olivier Messiaen

AVIGNON, 10 DE DEZEMBRO DE 1908

CLICHY, 27 DE ABRIL DE 1992

## Dos canyons às estrelas...

Este ano completam-se 50 anos desde que Alice Tully, mecenas da Sociedade de Música de Câmara de Nova Iorque, abordou Olivier Messiaen com uma proposta à qual se deve a música deste programa. Estávamos em 1970, aproximava-se o bicentenário dos Estados Unidos da América (a celebrar seis anos depois) e Tully pretendia que o compositor escrevesse uma obra para assinalar a ocasião. A proposta foi recebida com bastante relutância por Messiaen, mas a insistência da proponente acabaria por dar frutos, com o compositor a aceder ao pedido pouco depois. Primeiramente, consultou uma enciclopédia que o fez ficar fascinado com os *canyons* (desfiladeiros típicos do Oeste americano) do estado do Utah. Depois, na Primavera de 1972, viajou até à América com a sua mulher (a pianista Yvonne Loriod) para enfim conhecer esses lugares — Bryce Canyon, Cedar Breaks e Zion Park. Aí, entregou-se a uma encantada contemplação, atentando nas cores quentes e frias, na imensidão das paisagens, bem como no canto dos pássaros que habitavam a região.

No caderno que o acompanhava nessa visita de 1972, ia registando o que observava: “vermelho-violeta, vermelho-laranja, rosa, vermelho-carmim escuro, vermelho-escarlata, todas as variedades possíveis de vermelho, uma beleza extraordinária”. Messiaen associou estas cores ao tempo, por serem as que evidenciam a marca do tempo geológico naquelas paisagens, trazendo o passado profundo para o presente — como as estrelas, que brilham de longe há tanto tempo. Estas duas vertentes da cor — o

vermelho das esarpas e o azul do céu no qual brilham as estrelas — cumprem também uma associação à própria imagem da bandeira norte-americana, pertinente no contexto do bicentenário do país.

Sobre a peça e o título, *Dos canyons às estrelas...*, diz-nos Messiaen, no texto que acompanha a partitura:

*Quer dizer, elevando-se dos canyons até às estrelas — e mais alto, até aos ressuscitados do Paraíso — para glorificar Deus em toda a Sua criação: as belezas da terra (as suas rochas, os seus cantos de pássaros), as belezas do céu material, as belezas do céu espiritual. Portanto, obra religiosa antes de mais: de louvor e de contemplação. Obra também geológica e astronómica. Obra de som-cor, onde circulam todas as cores do arco-íris, em torno do azul do gaio-de-Steller e do vermelho de Bryce Canyon. Os cantos de pássaros são sobretudo os do Utah e das ilhas do Havai. O céu é simbolizado por Zion Park e pela estrela Aldebarã.*

Messiaen tinha então 65 anos. O seu catálogo estava repleto de obras cuidadosamente esculpidas, das quais emanava uma identidade pessoal e verdadeiramente única, despontada desde cedo e pouco a pouco enriquecida com elementos distintivos. Entre eles, assumem especial relevo: a exploração das construções melódicas modais (traço muito caro à tradição composicional francesa); das harmonias ricas que lapidava com a maior subtileza (num inequívoco prosseguimento do caminho harmónico aberto por Debussy); dos ritmos ora plenos de um anguloso dinamismo ora estáticos (que constituem de certa forma uma consequência mais aprofundada e progressivamente sistematizada da emancipação rítmica stravinskiana); das experiências mais áridas e especulativas de meados do século (cuja solidez técnica e conceptual inspiraria

os caminhos do “serialismo integral”); da transcrição e incorporação do canto de diversas espécies de pássaros no tecido musical, não raras vezes no centro da expressão; ou, ainda, da omnipresente associação sinestésica entre cor, harmonia e timbre (que Messiaen vivenciava de facto no dia-a-dia).

Nos anos que antecederam a escrita desta peça, Messiaen vinha investindo especialmente em obras de grande envergadura que incorporavam todos estes elementos descobertos e amadurecidos ao longo de décadas. Esta peça, a sua primeira encomenda americana, não é excepção e é particularmente fascinante por criar uma diversidade de ambiências desarmante e um efeito extraordinário de densidade e poder sonoro com um efectivo camerístico composto por pouco mais de quarenta músicos. Mas a conjugação tímbrica e a gestão de naipes encerra uma enorme diversidade de conjugações possíveis.

A partitura requer uma parte solística, para um piano cujas características Messiaen descreve cuidadosamente (“piano de cauda de concerto, muito sonoro, provido de um agudo claro e brilhante, um médio consistente e um grave pujante que possa ressoar longamente”) e há também destaque para solos de vários instrumentos ao longo da peça, especialmente trompa e lâminas. O efectivo inclui madeiras (flautim, 2 flautas, flauta alto, 2 oboés, corne inglês, clarinete em Mi bemol [requinta], 2 clarinetes, clarinete baixo, 2 fagotes, contrafagote), metais (trompete piccolo em Ré, 2 trompetes em Dó, 3 trompas [sendo a primeira solo], 2 trombones, trombone baixo), cordas (13 instrumentos, todos eles com linhas individuais) e um arsenal de percussão variado e peculiar que dá uma riqueza tímbrica impressionante ao resultado: sinos tubulares, triângulo, crótalos (que Messiaen

pede que sejam não só percutidos com baquetas como também friccionados com um arco de contrabaixo), chicote, maracas, reco-reco, carrilhão de vidro (glass chimes), carrilhão de bambu (wood chimes), 6 temple blocks, clavas, wood-block, pandeireta, 2 pratos suspensos (um pequeno e um grande), 4 gongos, tumba (conga grave), bombo orquestral, 2 tantãs (um médio-grave e um muito grave), chapa (trovão), eolifone (“máquina de vento”) e, ainda, um instrumento propositadamente concebido para a peça, a que Messiaen chama *geofone* (“máquina de areia”, para contrapor com o vento), que é um grande tambor achatado, com duas peles muito finas, preenchido com grãos de chumbo. Há ainda efeitos sonoros diversos na execução de alguns instrumentos, enriquecendo ainda mais a paleta. O resultado sonoro aproxima-se das sonoridades brilhantes de peças anteriores que conjugam piano, madeiras e percussão, aqui com o grupo de cordas a actuar frequentemente como sugestão de ressonância e reverberação (numa representação sedutora dos espaços abertos que inspiraram a peça).

A obra está organizada em doze andamentos, dispostos simetricamente em três partes (5-2-5), sendo que cada grupo termina com um andamento evocativo de um dos três *canyons* do Utah.

**1. O Deserto** — Aqui o cenário é claramente o deserto do Oeste americano, a paz do deserto, mas também “a conversação interior com o Espírito”. O andamento começa e acaba com um “cântico” de trompa solo. Pelo meio, o sugestivo som da máquina de vento e as intervenções do canto de um pássaro do Saara, pontuadas pelos sons celestiais de crótalos com arco, flautim e harmónicos de violino.

**2. Os papa-figos** — Evoca-se aqui este que é um dos pássaros norte-americanos numa escrita para piano, madeiras e percussão. Outras espécies surgem no piano, nas madeiras, no trompete piccolo e no jogo de sinos, cada um dos instrumentos dando “voz” a um pássaro específico. O piano, em especial, faz várias pequenas *cadenzas*.

**3. O que está escrito nas estrelas...** — Neste andamento chega a mensagem extraída do livro do profeta Daniel (capítulo 8, versículos 25-28), palavras inscritas na parede no banquete de Belsazar: *Mene, Teqél, Parsîn* (“medido, pesado, dividido”). Messiaen codifica as palavras através da “linguagem comunicável” que concebeu, na qual representa letras do alfabeto por meio de notas e durações específicas. Depois de blocos sonoros “graníticos” surge o som da terra no *geofone*, havendo depois um coral de metais com harmonias espantosas, cantos de pássaros, um solo de trompa e, finalmente, um reverter do percurso do andamento até aos blocos iniciais.

**4. O papa-figos de cabeça branca** — O primeiro de dois andamentos para piano solo, dedicados exclusivamente ao canto de pássaros, ao estilo do seu *Catálogo de Pássaros*. Abandonada a terra, inclui-se aqui um pássaro africano, pela riqueza das suas vocalizações e frases.

**5. Cedar Breaks e o dom da reverência** — Neste primeiro dos andamentos dedicados a um canyon específico, Messiaen baseia-se na progressão do medo (que fita o abismo da punição) ao temor (que fita as alturas da glória). O medo está representado por efeitos de cordas, pelo som de um bocal de trompete e por uma descida de trompete com surdina

wah-wah, jogo de sinos e sinos tubulares; a reverência é trazida pelo canto do pintarroxo americano e por mais mensagens encriptadas de louvor a Deus em grego.

**6. Apelo Interestelar** — Este andamento para trompa solo, originalmente composto em memória do aluno e colega Jean-Pierre Guézec em 1971 e adaptado para inclusão nesta obra, traz efeitos peculiares, como trilos, *bouché* (campânula coberta com a mão), *flatterzunge* (*tremolo* de língua) e mesmo oscilações de altura, para sugerir um som “longo, destimbrado, irreal”.

**7. Bryce Canyon e os rochedos Vermelho-Laranja** — “Um gigantesco círculo de rochas — vermelho, laranja, violeta — em formas fantásticas: castelos, torres quadradas, torres redondas, janelas naturais, pontes, estátuas, colunas, cidades inteiras, com um buraco negro profundo aqui e ali”. Paisagem simultaneamente espiritual e natural, as cores sugerindo a Messiaen a Cidade Celeste (corais, sinos, aleluias), enquanto que os buracos negros significam o Abismo (tantã, trombones graves).

**8. Os Ressuscitados e o cântico da estrela Aldebarã** — O cântico é dado às cordas, em Lá maior (que de acordo com a sinestesia de Messiaen é azul, ao passo que esta estrela de Touro é vermelha). Cada final de frase inclui harmónicos que “acrescentam as suas gotas de água, o seu rumorejar de sedas”. O ambiente místico, onírico, cintilante e harmonicamente delicado lembra o mágico “Jardim do Sono de Amor” da *Sinfonia Turangalila*, que inclui igualmente sons de pássaros em pulsação extraordinariamente lenta (aqui em flautim, jogo de sinos e piano).

**9. A cotovia do norte** — Novo solo de piano, explorando o repertório deste pássaro, a cujas repetições Messiaen juntou cantos de algumas espécies australianas.

**10. O tordo** — O canto deste pássaro (um arpejo de Dó maior!) é para Messiaen uma imagem do “novo nome” prometido para cada alma, de acordo com o Apocalipse (2:17). Atente-se na admirável conjugação tímbrica de trompa (som *bouché*) com flauta alto e temple block, que enunciam esse arpejo lentamente, sucedendo-lhe depois cantos de outros pássaros, abrilhantados pela percussão.

**11. Omao, Leiothrix, Elepaio, Shama** — Alusão a quatro pássaros do Havai, como que concertante entre o piano solista e o canto do Shama nos metais, havendo duas *cadenzas* alusivas ao Omao. Todo o andamento inclui também introdução e interrupções de trompas e fagotes.

**12. Zion Park e a Cidade Celeste** — Uma visão daquilo a que os primeiros colonos chamaram “templos naturais de Deus”, o colorido dos muros do Zion Park — rosa, branco, cor de malva, vermelho, preto — e das árvores verdes e água límpida, simbolizando nesta peça o Paraíso. Por todo o andamento apoteótico há um coral jubilante, sucessivamente interrompido por grupos de pássaros, até chegar o acorde de Lá maior (novamente o azul) pontuado por carrilhão e gestos efusivos de trompa, que saúdam a luz num *fortissimo* resplandecente.



## Sylvain Cambreling direção musical

O maestro francês Sylvain Cambreling é um músico com ideias irreverentes, um artista invulgar que gosta de captar a atenção do público. No entanto, a sua originalidade é baseada em profundos conhecimentos no campo da musicologia. Como Maestro Titular da Sinfónica da Rádio SWR de Baden-Baden e Freiburg e Maestro Convidado Principal do Klangforum Wien, tem dado amplas provas das suas qualidades e imaginação como programador e como divulgador da música contemporânea.

No início da temporada 2018/19 tornou-se Maestro Titular da Sinfónica de Hamburgo. Entre 2010 e 2019, foi Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon. Foi ainda Director-Geral de Música da Ópera Estatal de Estugarda (2012-2018) e Director Musical do Teatro La Monnaie de Bruxelas durante dez anos, antes de se tornar Director Musical da Ópera de Frankfurt em 1993. Notabilizou-se pela introdução de ideias novas, muitas vezes revolucionárias, em algumas produções para o Festival de Salzburgo (*Pelléas et Mélisande* e *Les Troyens*) e Frankfurt (*Wozzeck*, *Fidelio* e um ciclo dedicado ao *Anel do Nibelungo*). Tem desenvolvido uma forte relação com a Ópera Nacional de Paris, onde dirigiu óperas como *Saint François d'Assise*, *Pelléas et Mélisande*, *Kátia Kabanová*, *La Clemenza di Tito*, *O Amor das Três Laranjas*, *Don Giovanni*, *As Bodas de Fígaro*, *Simon Boccanegra*, *Les Troyens*, *Louise*, *La Traviata*, *Ariane et Barbe-Bleue* e *Wozzeck*.

Apresentou-se com as Filarmónicas de Viena e de Berlim, a Orquestra da Tonhalle, as Orquestras das Rádios de Frankfurt, Hamburgo, Berlim, Hanôver, Colónia, Copenhaga, Estocolmo e Londres, a Philharmonia, a

Sinfónica da BBC, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Viena, a Orquestra de Paris e a Filarmónica de Oslo. Na América do Norte dirigiu as Filarmónicas de Cleveland e Los Angeles e as Sinfónicas de São Francisco e Montréal.

Defensor acérrimo de uma programação inventiva, Cambreling é conhecido pela originalidade com que planeia os concertos. Uma das suas especialidades é a justaposição de obras ou compositores contrastantes mas de alguma forma relacionados: por exemplo, Haydn com Messiaen, ou *La Damnation de Faust* de Berlioz com *Cenas de Fausto* de Schumann. Entre os seus projectos mais audaciosos pode destacar-se a apresentação em noites consecutivas das três obras de maior dimensão de Messiaen — *Turangalila*, *Eclairs sur l'Au-delà* e *La Transfiguration de notre Seigneur Jésus-Christ*.

## Paulo Álvares piano

Nascido em Uberlândia, o pianista brasileiro Paulo Álvares estudou piano, música de câmara e música contemporânea na Universidade de São Paulo. Após ter criado em Belo Horizonte inúmeros eventos dedicados à música nova, a partir de 1985, realizou estudos de mestrado na Texas Christian University sob a orientação de Steven de Groot. Em seguida, entre 1988 e 1990, estudou com Aloys Kontarsky e Hans Humpert na Escola Superior de Música de Colónia como bolsheiro do DAAD. Depois de ganhar o Prémio Kranichsteiner no Curso Internacional de Darmstadt para a Música Nova, em Julho de 1990, começou a explorar a relação entre piano e electrónica no IRCAM, em Paris.

Já se apresentou em todo o mundo como solista e músico de câmara. Dedica-se à música nova, à improvisada e a todo o repertório para piano. As suas gravações abrangem, por exemplo, a obra integral de Mauricio Kagel para piano. Tem trabalhado regularmente como pianista com a Orquestra Sinfónica da WDR de Colónia, o Noamnesia Ensemble em Chicago, o Ensemble Het Spectra em Ghent e o Musikfabrik. Apresentou-se como solista em festivais de música nova como: Wien Modern, Köln Triennale, Huddersfield, Musica em Estrasburgo, Festival Berio de Turim, Tage für Neue Musik Wittener e Musicia Festival Nova em São Paulo.

Paulo Álvares trabalhou com muitos compositores e maestros importantes da actualidade, incluindo Helmut Lachenmann, Mauricio Kagel, Luciano Berio, Tristan Murail, Phillip Glass, Peter Eötvös, Jonathan Harvey, Dieter Schnebel, Hans Zender, Karlheinz Stockhausen, Jonathan Nott, Zoltan Nagy e Gunter Schuller. É Professor de Piano e Improvisação na Hochschule für Musik de Colónia e Professor Coordenador na ESART em Castelo Branco, Portugal.

## José Bernardo Silva trompa

Natural do Porto, José Bernardo Silva estudou na Escola Superior de Música de Lisboa (classe de Jonathan Luxton) e na Hochschule für Musik em Hamburgo (com Ab Koster). Frequentou aulas e masterclasses com Radovan Vlatkovic, Hermann Baumann, Javier Bonet, Bruno Schneider, Stefan Dohr, Froydis Ree Wekre, Philip Myers, Fergus McWilliam, Hervé Joulain, Will Sanders, Jasper de Waal, Zdenek Tylsar, entre outros. Foi bolsheiro da Fundação Calouste de Gulbenkian. Foi galardoado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional Philip Farkas organizado pela Sociedade Internacional de Trompistas em Lahti, Finlândia, em 2002.

É solista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Como músico convidado, apresentou-se com todas as principais orquestras portuguesas e várias internacionais. Apresentou-se como solista, em recital, em música de câmara e em orquestra em vários países.

É professor na Universidade de Aveiro, na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) e na Escola Profissional de Música de Espinho. É regularmente convidado para júri de concursos nacionais e internacionais (Portugal, Espanha e Finlândia).

Tem gravado a solo, em música de câmara e como músico de orquestra. Mantém um relacionamento estreito com vários compositores no sentido de alargar o repertório para o instrumento, estreando inúmeras obras. Compositores como Anne Victorino d'Almeida, Sérgio Azevedo, Telmo Marques, Luís Carvalho e Liduíno Pitombeira dedicaram-lhe obras.

É membro fundador do quarteto Trompas Lusas. Em 2019 foi eleito membro do Conselho Consultivo da International Horn Society. É artista Dürk-Horns e Romera Brass.

## Bruno Costa xilofone

Bruno Costa nasceu em Aveiro, em 1984. Em 1999 entra na Escola Profissional de Música de Espinho, e é na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto que conclui a Licenciatura sob a orientação de Manuel Campos e Miquel Bernat, com classificação máxima no recital final. Em 2016 conclui a profissionalização em serviço na Universidade Aberta. Participou em masterclasses de percussão com: Angel Omar Frette, Benoit Cambreling, Denis Riedinger, Dirk Wucherpfenig, George Ellie Octors, Olivier Pelegri, Philippe Spiesser, Rainer Seegers...

Como músico convidado apresentou-se com diversas formações em Portugal e no estrangeiro. Orientou seminários de percussão em Portugal e Espanha, e integrou o júri dos concursos internacionais de percussão da Beira Interior e de Gondomar. Como membro do Drumming GP, orientado pelo percussionista Miquel Bernat, apresentou-se em várias salas de espectáculo, participando na estreia de obras de compositores de diversas nacionalidades. É membro fundador do Clap Duo, com a clarinetista Cândida Oliveira, e também membro fundador do duo Surreal com o trombonista Nuno Martins. Em 2016 estreou em Portugal o Concerto para trompete, percussão, gira-discos e orquestra de Gabriel Prokofiev, sob a direcção do maestro Rosen Milanov, com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Leccionou em diversas academias e conservatórios. Actualmente lecciona na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART). É solista do naipe de percussão da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde 2005.

## Nuno Simões glockenspiel

Nuno Simões iniciou os estudos musicais no Conservatório Calouste Gulbenkian em Aveiro, passando pela Escola Profissional de Música de Espinho (EPME) e pela Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE), onde concluiu a Licenciatura em 2009. Foi laureado em diversos concursos, com destaque para: 1.º Prémio na 24.ª edição do Prémio Jovens Músicos (categoria percussão — nível superior); 2.º Prémio na 26.ª edição do Prémio Jovens Músicos (categoria música de câmara — nível superior); 2.º Prémio no III Concurso Internacional de Música de Câmara de Alcobça “CIMCA” (categoria sénior).

Enquanto solista destacam-se as apresentações com a Orquestra Gulbenkian, a Banda Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Clássica de Espinho e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. No domínio da música de câmara, tocou a Sonata para dois pianos e percussão de Béla Bartók com os pianistas Pierre-Laurent Aimard e Tamara Stefanovich e o percussionista Daniel Ciampolini. Ainda neste domínio, colabora com o Drumming GP, tendo participado na gravação dos CD *Pocket Paradise* e *MARES*. É fundador do Pulsat Percussion Group e do duo.pt, dois projectos de música contemporânea, no âmbito dos quais foram escritas e estreadas diversas obras de compositores portugueses.

Nuno Simões é professor de percussão na Escola Profissional de Música de Espinho. Desde 2011, é solista do naipe de percussão da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Stefan Blunier** maestro associado

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas e Jörg Widmann, a que se junta em 2020 o compositor Philippe Manoury.

A Orquestra celebra o 20.º aniversário da sua formação sinfónica em 2020. Tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. Ainda este ano, dá especial destaque às sinfonias de Beethoven e apresenta numerosas obras dos séculos XX e XXI nunca antes apresentadas em Portugal.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a actual designação em 2010.

**Violino I**

James Dahlgren  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
Tünde Hadadi  
José Despujols  
Maria Kagan

**Viola**

Alexander Znamenskiy  
Anna Gonera  
Luís Norberto Silva

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues

**Flauta**

Paulo Barros  
Beatriz Baião\*  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Telma Mota\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira  
Edgar Silva\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Jonathan Clarke\*  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

**Percussão**

Paulo Oliveira  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*  
Pedro Góis\*  
Tomás Rosa\*

\*instrumentistas convidados





APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

